

# Zero

Escuro e silêncio. Fração antes da gênese. Vapor de óleo queimado nas velhas caldeiras penetra-lhe as narinas e gruda no peito por dentro. Único estímulo aos sentidos. Ana sonambula através do corredor. Caminho sem início nem fim. Na falta de luz, não há espaço nem tempo. Pés descalços, feridas raspam lascas de pedra. Sangue e visgo entre os dedos. Negrume esconde hematomas e marcas das correntes nos pulsos e tornozelos. Sabor de metal corrói a língua e afrouxa os dentes. Mas esse pesadelo já não tinha acabado? Sonhar mortes alheias, torrar de dor as retinas feito castanhas na grelha nas tardes do outono. Fiapo de suor ao longo da espinha. Tortura de corpos varridos para baixo do tapete, debaixo do piso de tacos coberto de verniz, sob as fundações dos prédios e de todo esse asfalto quente que recobre a casca da crosta urbana. Choro de bebê rasga a quietude. É sempre noite no porão onde os torturadores exercem seu ofício. Ana risca o fósforo. Faíscam sujeira nos cabelos e a transparência da camisola. O brilho se extingue antes de revelar a magreza e o tremor dos músculos, fibras desmilinguidas por sessões continuadas

de choque e pau-de-arara, nas rodinhas de estupro coletivo e nos afogamentos. Avança às cegas na indiscrição do pranto. Atrás da porta, faltam pedaços de unha na ponta do dedo. Garras femininas se projetam crispadas das tiras de couro, presas do pulso à mesa, agarrando-se, aflitas, à borda do estrado. A mistura pegajosa de sal, água morna e sangue poreja ao redor do crânio. Olheiras de beterraba, órbitas encovadas, caveira mal recoberta de pelanca. Agulhada de dor perfura-lhe o estômago. Nada de lágrimas. Manhã de inverno ao sul do continente. Lá fora, os fogões a lenha e as lareiras crepitam inocência cúmplice. Pensa no chimarrão sorvido pela mãe toda manhã antes de sair para a escola e sente o amargo no céu da boca. Arrota erva seca quando o sargento rasga com a tesoura o cordão umbilical. Chora o bebê de fome, de sono, de sede e de frio; de medo. Empurro. Gonzos rangem e a porta se abre para dentro. Esperava, quem sabe, estivesse trancada. Fosse aqui o fim da linha. Chacoalham-me as pernas. Escuto meus ossos baterem. A menina chora. Sei que é mulher. Pelo choro, eu sei. Luz elétrica corta a vista feito gilete. Do breu ao lume, prossigo, obliterada. Meu suor fede a rato morto e urina. Ah, memória, insistes em recordar? Chispas rubras ricocheteiam no interior do crânio, tenho o cabelo tão seco e quebradiço que me faz rezear a chama das velas. Pequena forma humana a pingar de ponta cabeça, segura firme nos tornozelinhos recém-nascidos pelas grossas mãos daquele homem cujas unhas polidas e cujo perfume adocicado me fariam vomitar tantas vezes. Ainda hoje sinto os seus braços peludos enfiados dentro de mim até os cotovelos, as mangas dobradas, nosso sangue na pele. E o pouco que vislumbro de você é tomado de mim para sempre.

# Um

Nem as olheiras da noite mal dormida tiram-lhe a beleza dos olhos quando os abre assim ao despertar. Sem maquiagem, brilho de mel em harmonia com o almíscar exalado por Marcelo ao sair para o trabalho. Escutara a ducha, cachoeira cristalina em meio a espinhos venenosos e rededores de focinhos fosforescentes. Algo a perturbara no sonho. Incapaz, no entanto, de lembrar o quê. O corpo pesa como o fim da vida. Até respirar cansa. Seu marido se agitara no sono outra vez. Ronca e tem pequenas paradas na respiração que a afligem madrugada afora. Flashes de morte. Vinha pensando bastante no término da existência, desde o dia em que, meses atrás, completara trinta anos. Instante desespero no limiar do sono. Ao deitar, noites da infância, noite de hoje. Acordar era mais simples, apesar da brutal preguiça de bruços no travessieiro. Nada não ser. Quando Helena começa a lembrar do

cheiro doce de cera derretida e das flores murchas sobre o caixão do pai, decide que é hora de levantar-se. Esfrega duas vezes o assento da privada com papel higiênico. Levanta a camisola de poliéster amarelo e abaixa a calcinha. Jato de urina morna relembra a cascata imaginada durante o sono. Mira-se no espelho. A harmonia dos traços a satisfaz; já as marcas de cansaço ao redor dos olhos e da boca são uma chatice. Boceja, puxa o papel e se limpa de olhos fechados. Pirralho da vizinha de cima chora sem parar, pranto manhoso que cruza o poço do exaustor e provoca a primeira onda de enxaqueca. Chá com torradas. Cabelo enrolado, grampos na nuca, chambre de seda azul-marinho com motivos orientais que o marido reputa ser tri brega, controla, distraída, as luzes da torradeira. Barulho do trânsito sobe, abafado, à cozinha. Fora isso, quietude. Mesmo nas raras manhãs em que tomavam o café juntos, quase não havia palavras. Protegido pelo jornal, camisa de linho bege, gravata escura e calças do terno, não abria sua boca senão para engolir o café sem açúcar e mastigar o pão com manteiga. Margarina jamais. Está bem, certos dias a gravata podia ser estampada, e, nos feriados, de bermuda e camiseta, comiam croissants e bebiam enormes copos de suco de laranja, puxavam assunto e rolava algum carinho. Mas pouco duravam esses interlúdios. De volta à distância, ao beijo protocolar no rosto, ou, pior, na testa, veja só, na testa, ela, que sempre achara ridículo o pai beijar assim a mãe, sem libido, carícia pastosa. Vestia o casaco do terno, apanhava os processos e tchau. Junto dela permanecia o aroma do gel pós-barba que comprara para ele e Marcelo tinha gostado. Ela tinha comprado por impulso, perdida no tédio entre vitrines

do shopping. Entrara, agoniada, numa farmácia, à procura de comprimidos para dor de cabeça, e, de repente, se vira cercada por fragrâncias masculinas no corredor dos produtos de barba. Inebriada pelos intensos odores, abria cada frasco e sorvera com prazer os cheiros de homem após homem, percepção aberta ao toque virtual de cada um na pele, nos lábios, por debaixo das roupas e da lingerie, como se dúzias de línguas e dedos e membros se condensassem do vapor em carne trêmula. Sem medo nem culpa, apalpavam, acariciavam e penetravam, rijos, a polpa em que se desfazia seu corpo. Desfalecida de pé, quadril escorado à pedra fria do balcão, terça-feira, onze de maio de dois mil e quatro, dez e quinze da manhã. Inspira o resquício almiscarado no ar da cozinha e congela. O gel transformara Marcelo em muitos outros homens, sim. Mas nenhum deles a desejava. Funga. Também, assim, atirada como estou, eles têm toda a razão. Roça a aspereza na ponta dos dedos e decide. Esta tarde vai fazer as unhas. E até o final de semana precisa cortar o cabelo.

Aplauso frágil. Lá de baixo, o trompete dolorido de Chet Baker nos acordes de *I Waited for You*, Gillespie numa gravação cheia de chiado no CD da coletânea *Giants of Jazz*, volume três. Gosta de navegar ouvindo esse disco. Imagina, no reflexo do parquê encerado pela faxineira semanal, a si mesma, a flunar entre os canais lísergicos de Amsterdã, mochila às costas e sorriso fácil nos lábios pretos de batom barato. Era cool ter este apartamento de dois quartos com dependência. Podia teclar assim, sossegada, no escritório. Gostava da casa desse jeito

matinal, persianas inclinadas de maneira a permitir que o sol se infiltrasse, ao mesmo tempo em que a protegem dos olhares dos prédios ao redor. Caso não houvesse parado de fumar, teria, sem dúvida, o Marlboro aceso entre os dedos, brasa a cindir-lhe os lábios rosa-pálidos, sedutores como finos pedacinhos de carne de garrão de cordeiro amolecidos na água para os lambaris no açude atrás da casa, anzol à espreita da mordida. Desliza a língua nos dentes ásperos, lambe farelos de pão úmidos de chá. Antes de digitar, examina outra vez as próprias unhas e se felicita por ter marcado hora no salão para hoje. Muito bem, Chet, my darling, aonde queremos ir? Vamos acessar nossa salinha de bate-papo, então. Gostas de me ouvir falar sujo, não gostas? Sozinha eu não fico, nem hei de ficar. O almoço hoje é congelado. Se não gostar, gostasse. Três horas sem nada pra fazer. Belle. Sempre Belle pela manhã. Nos dias em que se permitia entrar no chat à tarde, costumava variar os personagens. Desde virgens adolescentes a esposas infiéis ou viúvas misteriosas. Num dia, a garota de olhos verdes desiludida com sua primeira experiência sexual; noutro, a cinquentona divorciada que relembra detalhes da lua de mel no resort em Aruba; amanhã, noiva rendada em seda branca, véu, grinalda e aliança de ouro; sexta-feira, empresária de marketing sexy no terninho Chanel verde-água, meia-calça e esarpins. Ri, divertida, das fantasias deles e mantém a impessoalidade. Nas raras vezes em que se conecta à noite, adota o apelido de Helen. Discreta e curiosa, pouco fala nessas ocasiões. Observa. Identifica-se com suas características pessoais verdadeiras, trinta anos, casada, metro e sessenta e sete, cinquenta e seis quilos, olhos castanho-claros, os cabelos

ondulados, mas não muito. O que mais? Escolhe parceiros para teclar aleatoriamente, responde suas perguntas e diz a verdade, não, nunca tivera relações com outro homem a não ser o marido. Porém, mente sempre a cidade. Pode ser em São Paulo, Recife ou Belo Horizonte. De vez em quando, no Rio de Janeiro, até em Lisboa. Porto Alegre jamais. Seu dois-quartos-com-dependência se destaca desta quadra da Bela Vista, da rua quieta e arborizada, flutua por cima da praça e dos prédios bem desenhados na vizinhança de alta classe média e avança sobre cinzentas avenidas cercadas de edifícios sombrios até o centro, decolando sem rumo por cima das águas turvas do Guaíba afora. Helen\_casada\_32 vive no Quartier Latin ou no Soho, cursa pós em Stanford ou está em viagem de negócios ao Japão. Você sabia que aqui em Tóquio já são duas e meia da tarde? No princípio, bem no começo, poucas eram as noites que Marcelo passava fora. Clientes no interior, firmas grandes, valia a pena. Na maioria das vezes, compensava a ausência ao retornar duro de vontade da mulher. No decorrer dos últimos dois anos, entretanto, as viagens vinham aumentando em frequência e duração. Os reencontros do casal desceram a escala do calor para o morno até a frieza da indiferença, que ardia em cada feixe de músculos. Helena passara a dedicar suas madrugadas à internet. Mas agora era dia, acabara de tomar o seu chá com torradas matinal, por isso, não usava o pseudônimo de Helen. Era Belle.

– Separado, trinta e nove, tecló de Salvador. Fala pra mim como você é.

– Desejo casada para fim de semana no meu barco em Búzios. Topas?

– Bonjour, ma chérie. Gostas de fazer amor pela manhã?

A voz frágil de Chat Baker machuca. There will be many other nights like this. Pestanas balançam que nem borboletas, apanhadas na lufada do vento norte. And I'll be standing here with someone new. Nem chegara a se dar conta de como a velocidade da digitação aumentara nestes últimos meses, desde que havia começado a teclar com vários parceiros ao mesmo tempo. Indicadores catam milho, alucinados. Another fall, another spring. Indiferente ao bafo de feijão da panela do vizinho, a imaginação emite vozes individuais para cada interlocutor. Pontos, vírgulas, reticências marcam os batimentos cardíacos e sugerem ritmos, pulsações; letras trocadas traem excitação. Erros de digitação convertidos em eros de digitação. Realidade distorcida, presa fetichista impassível. But there will never be another you.

– Não me engana assim, garota. Sou louco por olhos verdes. És mesmo ruivinha? Descreve teus seios pra mim.

– Discrição absoluta. Não sou nenhum Adônis, confesso, mas tenho meus encantos.

– Paris no outono. As folhas secas colorindo o Bois de Boulogne. Você nua nos meus braços, pérolas, o que mais? Une bouteille de Château Margaux setenta e nove.

– Tomou banhinho hoje, neném?

– Mando te buscar no meu jatinho. Do aeroporto você vem de helicóptero. A praia é linda, vais adorar.

– Lavou bem a xoxotinha?

– Deliciosa. Sente como estou duro e quente.

– Gosto dela bem cheirosa. Pôs talquinho?

– Te recebo no chalé com margueritas e ostras.

- Vamos nos amar a noite inteira, até amanhecer.
- Vou te chupar todinha, meu tesão.
- A noite inteira.
- Você vai gozar.
- Até amanhecer.
- Eu vou gozar.
- A noite inteira.

Sobressalto. Barulho da chave na porta da frente. Doze e trinta e dois. Belle zarpa do chat sem se despedir. Desconecta, limpando a memória do navegador ao fechá-lo, e, de imediato, executa o jogo de paciência. Dá as cartas no instante em que Marcelo entra e se aproxima. Curva-se e beija a esposa no topo da cabeça.

- Vai ficar vesga na frente desse computador.
- Um defeito a mais não faz diferença.
- Os olhos são teus.

Afrouxa a gravata, abre os punhos da camisa e segue para o quarto sem se deter.

– Por isso só dava ocupado. Já pedi pra deixar o celular ligado quando conectar.

– Está sem bateria. Ligou pra quê?

– Nada, bobagem. Estão me esperando no carro. Rafael vai me dar carona até o Fórum. Preciso apanhar o processo para levar a São Paulo.

Reaparece dando o nó na gravata sobre uma camisa limpa cinza-claro. Helena joga cartas com o mouse, sem olhar para o marido. Nove preto no dez vermelho.

- Vais usar o computador?
  - Não. Não quero te atrapalhar. Almoça em casa?
  - Sozinha de novo? Não sei. A que horas é teu voo?
- Valete preto na dama vermelha.

Comer salada com pauzinhos chineses pode ser engraçado. Futucar, distraída, o molho com a ponta do hashi, como faz Helena agora, engasga a sensibilidade dos demais fregueses na praça de alimentação. Pensamento distante, se enxerga menina, revirando minhocas no chão lamacento do pátio da estância. Caso olhasse em volta, veria miradas de reprovação e meneios negativos dos frequentadores do shopping. Se o olhar fosse décadas atrás, em Palmas, iria enxergar só a cumplicidade feliz do filho do capataz com a cozinheira, descalços na travessura, sorriso de dentes de leite com a porteira aberta na arcada superior. Dentição infantil que já caíra há tempos, o guri crescera e sumira no mundo, vizinhos falavam até que tinha sido preso lá pras bandas do Alegrete, mas não diziam por qual motivo, e ninguém parecia saber se era verdade. Que se danem. Digam o que disserem, um passeio no shopping é melhor do que anos de terapia. Lembra a mirada do analista ao escutar essa frase durante a sessão. Merda era não ter dinheiro. Gostava de ver lojas, pessoas, coisas bonitas, dissera, constrangida com a própria sinceridade. O doutor mantivera o silêncio, e ela tinha decidido procurar outro médico na semana seguinte. Belíssima resolução, aliás, pois a próxima terapeuta iria se revelar vinho de outra pipa. Beberica sua taça de Martini Bianco sem engolir nada sólido, o combinado de sashimis e sushis intocado no prato de porcelana em formato de barco junto da salada verde com molho rosé. Dessa vez, quando a imagem tridimensional do pai se irradiara, minúscula, na louça, não se surpreendera ao vê-lo passear entre a comida e os palitinhos. Seu pai enterra o pé direito até a canela na miscelânea de ketchup

e maionese, perna esquerda dobrada no joelho, sola lisa do mocassim recostada no talo de alface. Acena. Veste o abrigo celeste e verde com que a filha o tinha visto pela penúltima vez, na rodoviária de Palmas. Na vez seguinte, vestia terno preto com gravata escura, sapatos novos, e já não sorria mais. Nunca mais. Termina seu drink e fita o vazio. Iria enlouquecer nesse fim de mundo, gritara com pai e mãe em plena mesa de jantar, na noite em que a família tinha voltado da temporada na estância, intermináveis semanas de ventania, frio e chuva, desespero, fúria e frustração. Ele permanecera impávido como estava agora, braços cruzados e cara fechada. Helena chorou aquela noite inteira, jogada de bruços na manta térmica quadriculada, encharcando a fronha e entupindo o nariz. Respirar é difícil na atmosfera insípida. Braços nus apoiados no mármore, nuca, ombros e coxas expostos ao ar refrigerado em temperatura polar, ao gelo que perpassa agulhas pontiagudas pela cambraia creme do vestido de alcinhas, penetra os poros e ralenta o cérebro, tinge de violeta os lábios, empedra-lhe o estômago e cria cólicas horrorosas. Abaixo de zero neste iceberg artificial à deriva, ainda sente o sol da alvorada que lhe queimava o plexo no momento exato em que o ônibus fazia a curva, deixando para trás a rodoviária interiorana, atmosfera abafada pelo exagero da calefação, suas janelas hermeticamente lacradas encharcadas pela chuva, pingos xucros pelas frestas. Uma única lágrima sulca-lhe o pó da bochecha esquerda. Labaredas crepitam nas folhas verdes de alface. O velho sorri, atolado no molho. Maroto depois de defunto. Ela remexe no prato e exorciza os fantasmas. Saudade? Pensa em ligar para a mãe, mas sabe que não vai. Não hoje à tarde. A linha vai estar ocupada.